

PORTUGAL 2020

Ana Abrunhosa Gestora do Centro 2020

“Vamos reforçar as verbas às empresas”

Textos JOANA NUNES MATEUS
Foto NUNO BOTEHO

Ana Abrunhosa é presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) do Centro e gestora dos €2155 milhões de fundos europeus do Centro 2020. Em entrevista ao Expresso, defende que a dotação de fundos europeus para as empresas deve ser reforçada e que as regras dos sistemas de incentivos devem mudar em prol dos promotores de investimentos verdadeiramente inovadores.

■ **Aveiro, Águeda, Viseu, Guarda, Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Tomar, Óbidos, Caldas da Rainha, Nazaré, Marinha Grande, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra...** Porque devem os empresários escolher um dos 100 municípios da região Centro para investir?

■ Somos a melhor porta de entrada para a Europa e temos esta rede de cidades médias que oferecem grande qualidade de vida, infraestruturas e incentivos a quem se quer instalar na região Centro em domínios como a agroindústria, a floresta, o mar, o turismo, as tecnologias de informação, comunicação e eletrónica, os materiais, a biotecnologia, a saúde... Temos recursos humanos altamente qualificados: concentramos o maior número de alunos do país inscritos nas áreas da ciência e da tecnologia. E temos toda uma rede de universidades, incubadoras, centros tecnológicos, parques de ciência e tecnologia, clusters, polos de competitividade e associações empresariais muito dinâmicos e pró-ativos a

incentivar a inovação das empresas.

■ **É assim que o investimento direto estrangeiro está a subir na região Centro?**

■ Quando os empresários estrangeiros vêm à nossa região, a primeira coisa com que ficam surpreendidos é com os nossos autarcas: inovadores, facilitadores do investimento e fazedores de redes. Quando estas empresas se instalam, precisam de encontrar fornecedores, mão de obra qualificada, canais de distribuição... Os nossos autarcas são os atores que conhecem bem quem pode fazer isto tudo e têm um poder mobilizador muito grande. Foi assim que o Sakthi escolheu Águeda ou a Altran o Fundão. Quando recebo uma missão de estrangeiros na CCDR, percebo logo como trabalhamos de forma profissional e em rede na região. Estão à espera de ser recebidos por uma senhora, mas eu reitino logo à mesa todos os atores principais para cada domínio em questão: universidades, políticos, o Turismo, o Instituto Pedro Nunes, o Biocant, hospitais...

■ **O programa Centro 2020 arrancou com €424 milhões de incentivos às empresas, mas já distribuiu 92% desses fundos europeus. Não vai faltar dinheiro para os empresários da região?**

■ Se os €424 milhões de incentivos se esgotarem, a garantia que temos é que vamos continuar a abrir concursos para as empresas. Como? Vamos fazer duas coisas: vamos reforçar as verbas às empresas e fazer *overbooking*. A primeira coisa que vamos ter de fazer é o *overbooking*. Esta prática de gestão que

“Confio na justiça”

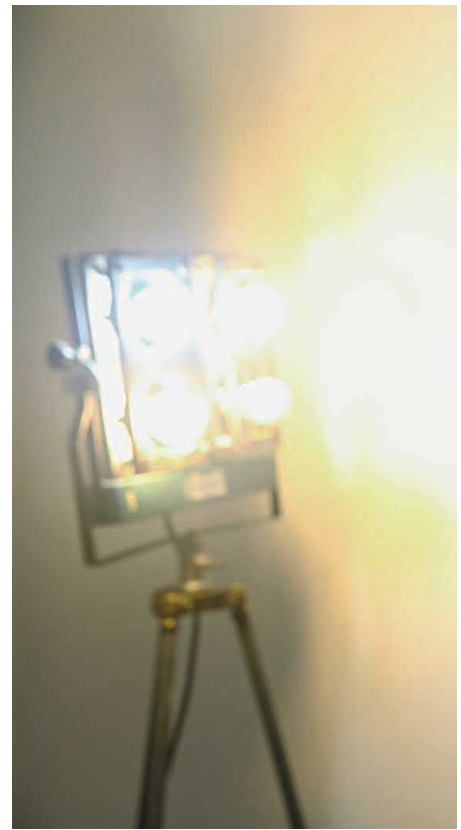
“Estou muito tranquila. Confio na justiça e é no contexto da justiça que vou defender o meu bom nome e continuar a trabalhar com a minha equipa para fazer um bom trabalho na CCDR.” Estas são as únicas declarações que Ana Abrunhosa presta sobre o futuro julgamento por difamação e denúncia caluniosa do anterior presidente da CCDR, Pedro Saraiva. Ana Abrunhosa e o seu marido, são acusados de ter enviado, em 2013 e 2014, cartas anónimas a altos cargos como o primeiro-ministro com o objetivo de lançar a suspeita sobre Pedro Saraiva e beneficiar a nomeação de Ana Abrunhosa como nova presidente da CCDR. Ana Abrunhosa entrou na CCDR em 2008 como vice-presidente de Alfredo Marques, foi vogal da comissão diretiva do programa operacional do Centro e nomeada presidente da CCDR pelo anterior governo em maio de 2014.

já fizemos no passado consiste em aprovar para lá da dotação disponível, antecipando quebras na execução. Entre os projetos de investimento já aprovados, haverá projetos que caem e não se executam ou então projetos que se executam, mas numa dimensão menor do que aquela que foi aprovada. Depois, vamos encontrar outras oportunidades dentro do programa que possamos usar para transferir dinheiro: buscar áreas que não estão a ter tanta procura e canalizar para as empresas que estão a ter uma boa procura.

■ **O Centro 2020 tem outros concursos a que os empresários devam estar atentos?**

■ Nem sempre os empresários e os consultores têm a noção de que podem aproveitar parte dos €316 milhões que temos para a ciência e tecnologia. Temos €35 milhões para projetos de investigação e desenvolvimento tecnológico; €35 milhões para doutoramentos que podem ser feitos, com a supervisão da universidade, em parceria com as empresas que estão na fronteira do conhecimento; €30 milhões para projetos de inovação de grandes empresas; €30 milhões para ações coletivas de transferência de tecnologia; €23 milhões para ações coletivas para clusterização, redes e outras formas de parceria que visam a inovação e a internacionalização das empresas e das cadeias de valor; €15 milhões para inserção de pessoal altamente qualificado nas empresas.

■ **Como tem sido a procura deste apoio para contratar licenciados, mestres ou doutores? Mes-**



mo pagando metade do salário durante três anos, as empresas não parecem muito interessadas em contratar doutores...

■ A procura é dececionante. Dos €15 milhões disponíveis, só comprometemos €1 milhão. Isto são culpas partilhadas. Da nossa parte, temos que divulgar melhor este instrumento e fazer pesca à linha, isto é, ir junto das empresas que consideramos terem necessidade e perfil para receberem este pessoal altamente qualificado. Não podemos ter inovação sem qualificação.

■ **Vem aí a reprogramação do Portugal 2020. Que áreas devem ser reforçadas com mais fundos europeus?**

■ As empresas, a ciência e o microempreendedorismo. As empresas porque estão a ir a jogo com projetos maduros e a mos-

trar capacidade de execução. É uma dinâmica incomparável com qualquer outro período de programação. A ciência porque as universidades e outras instituições têm que se capacitar primeiro para irem a um campeonato tão competitivo como o Horizonte 2020. Os pequenos negócios a nível local também devem ser incentivados a inovar, já que são a nossa base social e metade nem sequer está ainda no mercado digital.

■ **E donde tirava os fundos europeus para reforçar estas três áreas?**

■ Dos instrumentos financeiros, onde temos uma dotação muito grande de quase €500 milhões. É um valor claramente exagerado, sobretudo se é para ser usado em instrumentos que já existem na banca e no mercado finance-

IAPMEI Quem quer ser o próximo presidente?

Concurso para presidir à Agência Portuguesa para a Competitividade e Inovação deve abrir esta primavera

O Ministério da Economia procura presidente para a IAPMEI. Este podia ser o *slogan* do concurso público que deve abrir esta primavera para encontrar um novo líder para Agência Portuguesa para a Competitividade e Inovação (IAPMEI).

Com a transferência de Miguel Cruz do IAPMEI para a Parpública no final de janeiro, ficou sem presidente o organismo público responsável por 60% das candidaturas das empresas aos fundos do Portugal 2020.

O Ministério da Economia deve estar a nomear nos próximos dias um novo presidente do IAPMEI em regime de substituição. A partir dessa data, tem 90 dias úteis para pedir a abertu-

ra do concurso à Comissão de Recrutamento e Seleção para a Administração Pública (Cresap), definindo o perfil, experiência profissional e competências de gestão exigíveis aos candidatos.

Qualquer pessoa pode concorrer ao cargo, desde que cumpra os requisitos definidos pela tutela. No último concurso — que levou Miguel Cruz à presidência do IAPMEI em 2014 — foi requisito de admissão ter a licenciatura concluída há pelo menos 12 anos. No perfil definido pelo anterior governo estava alguém com licenciatura, MBA, mestrado ou doutoramento em economia ou

Todos podem concorrer ao cargo de presidente da Agência Portuguesa para a Competitividade e Inovação

gestão de empresas, com experiência profissional no exercício de responsabilidades de topo em organizações, em especial as que executam políticas públicas no âmbito da promoção da competitividade e do crescimento empresarial, e com experiência em áreas financeiras, em particular nos fundos europeus, crédito, garantias e capital de risco.

Os interessados têm dez dias úteis para concorrer após a publicação do aviso de abertura do concurso em “Diário da República” e no site da Cresap. Tendo em conta o meio milhar de concursos já realizados, a avaliação das candidaturas demora cerca de 40 dias. No fim da avaliação, o júri selecionará três pessoas, cabendo ao Ministério da Economia nomear um dos nomes desta lista no prazo de 45 dias úteis. Se tudo correr dentro dos prazos previstos, o IAPMEI deverá ter novo presidente no outono de 2017.

Vale incubação recebeu 120 candidaturas e o startup voucher quase 600 propostas de jovens empreendedores

“Queremos usar o vale incubação para atrair startups portuguesas com fundadores vindos também do estrangeiro.” A intenção foi revelada ao Expresso pelo secretário de Estado da Indústria, João Vasconcelos. Encerrado que está o primeiro concurso a este novo incentivo do Portugal 2020, o Governo pretende abrir novos concursos ao vale incubação no decorrer deste ano, um dos quais durante a próxima Web Summit agendada para novembro de 2017.

O primeiro concurso terminou a 31 de janeiro com 120 candidaturas vindas de norte a sul do país, de Arcos de Valde-

vez a Faro. De Santarém veio um quinto da procura a este vale que patrocina, até €5000, a contratação dos serviços de incubadoras por empresas criadas há menos de um ano, em áreas-chave como assessoria jurídica, gestão, marketing, desenvolvimento de produto ou financiamento.

Encerradas estão também as candidaturas ao *startup voucher*. Perto de 600 potenciais empreendedores concorreram a este novo apoio do Portugal 2020 — a montante do vale incubação — que atribui uma bolsa de €690 aos jovens entre os 18 e os 35 anos para desenvolverem os seus projetos empresariais ainda em fase de ideia.

O secretário de Estado da Indústria defende que a incubação é uma arma para reduzir a mortalidade das empresas e não desanima com a

adesão ao primeiro concurso do *voucher* incubação. Primeiro, porque os critérios do concurso foram bastante restritivos de modo a envolver apenas incubadoras acreditadas e evitar financiar empresas que já estavam em incubadoras. Segundo, porque os números do *startup voucher* prenunciam o aumento da procura. “Isto é como a cadeia alimentar”, explica João Vasconcelos. Muitos destes concorrentes ao *startup voucher* vão desenvolver o seu produto, constituir a sua empresa e depois querer concorrer ao vale incubação.

Recorde-se que o vale incubação e o *startup voucher*, ambos financiados pelo Portugal 2020, são duas das 15 medidas do Startup Portugal, a estratégia nacional para o empreendedorismo anunciada há um ano pelo Governo.



ro... Estamos a fazer concorrência em vez de colmatar falhas de mercado, estimulando o que é mais arriscado e inovador.

■ O que mudaria nas regras dos sistemas de incentivos às empresas?

■ Primeiro, abria avisos em contínuo. Em vez do atual regime de concursos, as empresas candidavam-se a qualquer momento e, duas ou três vezes por ano, fazíamos um corte para análise dos projetos. Isto permitiria uma maior sintonia entre o momento em que o empresário decide investir e a candidatura ao financiamento. Temos que pôr mais inteligência no sistema e fazer opções. Em vez de avisos generalistas, podemos abrir avisos dedicados às opções de política pública: à economia circular, à indústria 4.0, etc. Os critérios de

entrada também devem ser mais seletivos para eliminar à partida os projetos que eliminaríamos à mesma durante o processo de seleção. Os critérios de avaliação do mérito também devem ser simplificados para diminuir a subjetividade na avaliação. Assim ganhámos tempo. Para quê? Tempo para, durante a avaliação dos projetos, interagir mais com os promotores, para falar com eles e compreender melhor os projetos verdadeiramente inovadores. Por último, há que confiar mais nos promotores e penalizar, de forma pública, os infratores.

■ Em 2018, os presidentes das CCDR serão eleitos pelos autarcas em vez de nomeados pelo Governo. Qual a sua opinião sobre o atual processo de reorganização CCDR em

preparação pelo Governo?

■ Uma reorganização do Estado desta dimensão exige uma discussão pública ampla e estruturada. Concordando, em princípio, com uma maior descentralização que envolve maiores competências para as CCDR, preocupa-me o facto de termos uma situação "híbrida" que vejo de difícil gestão: termos o "autarca dos autarcas" com superintendência do Governo. Considerando a multiplicidade de áreas de competências das futuras CCDR, parece-me que o colégio eleitoral devia refletir essa realidade. Mesmo com maior peso dos autarcas, devia incluir também os responsáveis das entidades do ensino superior, as associações empresariais, os representantes das IPSS, da cultura, do turismo, etc.

economia@expresso.impresa.pt

Horizonte 2020 Portugal é o 14º a acelerar a inovação

Seis empresas portuguesas conquistaram €2,3 milhões dos €200 milhões disponíveis para acelerar a chegada das inovações ao mercado

Foram apenas seis as empresas portuguesas que conseguiram vingar na competição europeia Fast Track to Innovation (FTI), traduzida em Portugal como Processo Acelerado para a Inovação. No seu conjunto, as empresas Fastinov, de Matosinhos, Uroptics, de Oliveira do Hospital, Consulpav, de Mafra, Nomad Tech, do Porto, Globaz, de Oliveira de Azeméis, e a Symington, de Vila Nova de Gaia, captaram para Portugal €2,35 milhões dos €200 milhões disponibilizados nesta iniciativa do Horizonte 2020 que vigorou entre 2015 e 2016.

Estas empresas concorreram em parceria com outros inovadores europeus para aceder a este

apoio que pode chegar aos €3 milhões por consórcio. Segundo o balanço agora feito pelo comissário europeu, Carlos Moedas, nestes dois anos que durou o FTI, foram financiados 94 consórcios que envolvem 426 participantes de 27 países. Com seis empresas participantes, Portugal surge em 14º lugar no ranking dos países que mais partido tiraram deste apoio europeu, atrás do Reino Unido (86 empresas), Alemanha (58), Espanha (53), Itália e Holanda (42), França (31), Bélgica (17), Grécia (14), Suécia (11), Áustria (9), Irlanda (9), Turquia (9) e Eslovénia (7). Carlos Moedas já

Empresas portuguesas já captaram mais de €100 milhões no Horizonte 2020 desde 2014

prometeu para 2018 o regresso do FTI.

Segundo a Agência Nacional de Inovação (ANI), numa competição tão disputada, que só apoiou 4,7% das 1987 propostas submetidas a nível europeu, há que destacar a franca melhoria da participação portuguesa entre 2015 (duas empresas captaram €400 mil) e 2016 (quatro empresas captaram €1,95 milhões). A campeã nacional é a Fastinov, a startup ligada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, que captou €1,3 milhões para liderar um consórcio que visa lançar no mercado uma tecnologia que permite determinar a melhor forma de combater uma infeção em menos de duas horas.

Considerando o FTI e demais concursos lançados desde 2014, a ANI estima que os empresários portugueses já captaram mais de €100 milhões no Horizonte 2020.